

Ricardo

Aleixo

O que importa

Digo
“meu poema”
como quem diz
“meu gato”.

Não é
o pronome
que
importa.

Nem é o poema
em si.
Nem o gato
em si.

O que importa é
haver em mim
algo do poema,
um quê

do gato e, talvez,
no poema
e
no gato,

um mínimo
do meu mim
mesmo
(meu tanto

de poema,
meu querer
ser
gato).

Nunca tive
um poema.
Não tenho
um gato.

Duas rezas

Manhã cedo,
assim que acordo,
eu transformo
em reza forte
a bela resposta
de Nina Simone
numa entrevista:

“Ser livre é
não ter medo”.

Depois eu rezo
a lembrança de
outra bela resposta,
a da líder camponesa
Margarida Maria
Alves, morta
pelo latifúndio:

“Medo nós tem,
mas não usa”.

Num mundo (abismo

mais triste
do que a carne
dos livros
fechados na estante
só mesmo
a visão
de um mundo
em que persiste
como uma espécie
de peste
a “humanimaldade”
nossa
de cada dia

meu pessimismo
como lhe é próprio
resiste
mas ao fim
cede e admite:
é num mundo (abismo
sem fundo)
assim
que existe
a poesia
que um
augusto
existe

Artista intermídia e pesquisador de Literaturas, outras artes e mídias, RICARDO ALEIXO recebeu da UFMG, em 2021, o título de Notório Saber, equivalente ao grau de doutor. Tem 18 livros publicados, dentre os quais se destacam *Modelos vivos* (Ed. Crisálida, 2010) e os mais recentes, *Extraquadro* (Ed. Impressões de Minas/LIRA, 2021 - um dos 5 finalistas do Prêmio Jabuti 2022), *Sonhei com o anjo da guarda o resto da noite* (Todavia, 2022) e *Campo Alegre* (Conceito Editorial, col. BH - A Cidade de Cada Um, 2022). Suas obras mesclam poesia, prosa ficcional, filosofia, etnopoética, antropologia, história, música, radioarte, artes visuais, vídeo, dança, teatro, performance e estudos urbanos. Já fez performances em quase todos os estados brasileiros e nos seguintes países: Argentina, Alemanha, Portugal, EUA, Espanha, México, França e Suíça. Tem obras expostas nas mostras permanentes *Rua da Língua e Falares* (Museu da Língua Portuguesa/SP).